



## A Última Flor do Lácio<sup>1</sup>

Alice Regina Pacó de SOUZA<sup>2</sup>

Jimi Aislan ESTRÁZULAS<sup>3</sup>

Faculdade Boas Novas (FBN), Manaus, AM

### RESUMO

A língua falada no Brasil é resultado de um multilinguismo que atravessou diversas etapas históricas. Desde o processo de colonização podemos observar que o contato entre várias línguas diferentes foi determinante para a construção do que mais tarde seria convencionado como Português Brasileiro. Quer seja a língua falada pelos nativos, pelo colonizador português, pelos imigrantes, ou pelos diversos povos da babélica Amazônia, a língua nacional, tal qual a conhecemos hoje é resultado da difusão de distintos falares. Poeticamente definida como “A última flor do Lácio” pelo poeta Olavo Bilac, a língua portuguesa é fonte inesgotável de pesquisas e reflexões acerca do seu uso cotidiano, alvo peculiar para uma crônica que busca resgatar os célebres versos de Caetano Veloso “a língua é minha pátria”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica Jornalística; Jornalismo Opinativo; Língua Portuguesa; Linguística; Literatura.

### INTRODUÇÃO

A crônica intitulada “A última flor do Lácio” é resultado de uma atividade realizada na disciplina Leitura e Produção de Textos II como uma avaliação bimestral. A atividade consistia na produção individual de um texto para um dos seguintes gêneros: coluna, crônica, resenha ou artigo.

O tema era de livre escolha e a docente nos acompanhou em toda a evolução do texto, fazendo intervenções quanto ao conteúdo e à forma com que o mesmo era desenvolvido. Dentre as opções, elegi a crônica devido o seu caráter desafiador enquanto gênero opinativo, que possui a transitoriedade do texto jornalístico com a peculiaridade da narração literária.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria: Jornalismo, modalidade: Produção em Jornalismo Opinativo.

<sup>2</sup> Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Boas Novas, email: arp.souza@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Jornalista e Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade Boas Novas, email: jimiaislan@hotmail.com



## **2 OBJETIVOS**

- Produzir textos de caráter jornalístico a partir dos conceitos estudados;
- Analisar os aspectos principais que configuram uma crônica jornalística;
- Aprofundar os conhecimentos referentes à formação e desenvolvimento da Língua Portuguesa.
- Potencializar os elementos da crônica para abordar um tema complexo e abrangente como a multiplicidade da língua portuguesa.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Já que o tema era de livre escolha, optei por analisar a diversidade que formaria a Língua Portuguesa, seus aspectos históricos, sua influência cultural e a posição que ocupa mundialmente. Escolhi também buscar o que grandes nomes da literatura já haviam falado sobre essa língua que tanto me instiga.

Para tanto, a escolha do gênero também seria determinante para o desenvolvimento do assunto: a crônica, proclamada por alguns estudiosos como um gênero tipicamente brasileiro.

As escolhas do tema e do gênero encontrariam um melhor embasamento a partir dos conceitos apreendidos outrora, em disciplinas cursadas na área da Linguística Aplicada, onde pude aprofundar conceitos, explorar os registros históricos e os estudos sociolinguísticos desenvolvidos no Brasil acompanhando a evolução da língua.

## **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Dentre os gêneros designados para a atividade, a crônica possuía uma característica salutar que foi preponderante para minha escolha: o caráter desafiador de combinar o texto jornalístico com a narração literária. Além disso, a peculiaridade de ser um gênero tipicamente brasileiro instiga ainda mais o desafio e cria novas possibilidades diante do que a língua pode oferecer.

Para José Marques de Melo (2003) a crônica toma “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária”. Para ele, “a produção dos cronistas foi legitimada pela literatura que a recolheu como representativa da expressão de uma determinada época”, essas considerações mostram o valor da crônica do ponto de vista histórico, onde os relatos sobre as conquistas e descobertas ganharam destaque concebendo um importante documento. A observância desses registros como uma



narração histórica por ordem cronológica aproximaram a crônica do jornalismo, pois narravam a vivência de uma determinada época, evidenciando o momento histórico-cultural e os acontecimentos, transmitindo ao leitor o ponto de vista do observador.

Com a publicação dos folhetins, a partir de 1852, a crônica toma novo fôlego e passa a ter espaço reservado em jornais. Vale ressaltar que nesse período os responsáveis pela redação eram os escritores da época, como Machado de Assis e Raul Pompéia, porém, os interesses deles iam além da oportunidade de conquistar leitores. Como a literatura não gerava grandes lucros, os escritores buscavam na imprensa uma fonte de renda, que apesar de não pagar bem, ao menos pagava em dia.

Durante esse período a crônica ainda não teria os moldes de hoje. Ela ainda era muito abrangente, reunindo comentários sobre os mais variados assuntos, mas já mudava o estilo tradicional e pesado dos jornais.

As crônicas de Machado de Assis admitem um novo olhar sobre o gênero. Ele traria a linguagem coloquial à sua narrativa, aproximando os acontecimentos comuns dos leitores e criando um estilo próprio, assinalado por ele como um escrever “brasileiro”. Para Afrânio Coutinho (1971), Machado de Assis “consagrou-se ao gênero durante longos anos, contribuindo consideravelmente para sua evolução na literatura brasileira”.

Mas a crônica com características notadamente nacionais começa a surgir em 1930, com Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Segundo Antônio Cândido (1980), a Semana de Arte Moderna, em 1922, e o desenvolvimento da imprensa foram os episódios mais significativos para a formação de um novo panorama cultural brasileiro.

Para José Marques de Melo, a crônica moderna possui características distintas, enquanto

a crônica de costume se valia do real como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (MELO, 2003, p155)

Para ele, a crônica deve ser fiel ao cotidiano e esboçar de maneira “dissimulada” e com ar de “conversa fiada” uma crítica social, traço fundamental na crônica moderna.

No entanto, para que a crônica assumira essa característica é necessário que o escritor possua uma habilidade ímpar no trato com as palavras e argúcia quanto à argumentação, para tanto, pode se valer dos recursos lingüísticos que a língua portuguesa oferece como as figuras de linguagem.



O estilo na crônica é determinado pelos elementos que o autor se utiliza para dar mais força, intensidade e beleza ao discurso. As figuras de palavras, por exemplo, permitem assinalar um efeito expressivo através do uso da metáfora, comparação, metonímia, perífrase e sinestesia. Já as figuras de pensamento, segundo Cegalla (2005), “são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas intervêm fortemente a emoção, o sentimento, a paixão”. As principais figuras de pensamento são: antítese, apóstrofe, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, paradoxo, personificação, reticência e retificação.

Esses elementos, se combinados criteriosamente e encadeados a partir de idéias claras e concisas permitirão a construção de um texto harmônico e preciso, mas é claro que o domínio e aprimoramento das técnicas literárias e o caráter original e criativo do autor serão o diferencial no acabamento de uma produção textual.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O português é uma língua latina cujas raízes advêm do latim de origem românica. O termo que intitula esta crônica refere-se à região do Lácio, no centro da Itália antiga, local que experimentou uma grande expansão devido ao domínio bélico e político de Roma. Olavo Bilac, notável poeta parnasiano e cronista, inicia sua declaração à língua portuguesa com os versos: “Última flor do Lácio, inculta e bela”. Para mostrar toda sua devoção, o autor se prevalece da expressão e vai além, “Amo-te, ó rude e doloroso idioma”.

A crônica está dividida em sete parágrafos que desencadeiam uma sucessão de pontos de vista. No primeiro parágrafo, a idéia de iniciar o texto com o elemento motivador, o desafio pela língua, leva à reflexão quanto aos aspectos que nos fazem falantes da língua portuguesa. No meu caso, a motivação está na pluralidade que a língua oferece e no apreço pela leitura. No primeiro parágrafo também é possível observarmos o uso das figuras de palavras: “a língua de Camões sempre me desafiou”, exemplo de perífrase, referindo-se à língua portuguesa.

No segundo parágrafo, trato sobre as possíveis razões que me levaram a estudar e a buscar aprofundamento na língua, embasando minhas opiniões nas palavras do lingüista Ferdinand de Saussure. Neste parágrafo também apresento uma das expressões atribuídas ao português, assim definida pelo escritor Eça de Queirós como “um português com açúcar”.

Nos parágrafos terceiro e quarto traço um breve panorama da evolução histórica, da contribuição de outros povos, da expansão lusitana e das conquistas recentes dos falantes de



português. Nesses parágrafos é possível observar dados importantes sobre a língua, como a influência de outras culturas e a quantidade de países lusófonos.

O quinto parágrafo trata das estimativas mais atuais, como o número de falantes nativos e a colocação da língua no âmbito mundial. Outra expressão referente ao português é citada, agora pelo escritor Miguel de Cervantes, que o caracteriza como “a doce língua”.

A idéia no sexto parágrafo é justamente evidenciar o caráter poético traduzido pelo trabalho de inúmeros escritores, como Clarice Lispector. Ao conhecer melhor as nuances que a língua proporciona podemos nos apropriar dos vocábulos e realizar construções ricas, exatamente como nossos poetas fazem.

Para concluir a crônica, busquei enaltecer o aspecto pátrio da língua usando outra expressão de um grande escritor, Fernando Pessoa, que diz “minha pátria é a língua portuguesa”, para tanto, destaquei alguns pontos peculiares e novamente a pluralidade do povo brasileiro. O fechamento ficou por conta das palavras de Olavo Bilac, anteriormente referendadas por ilustres escritores.

A postura adotada por mim na execução deste trabalho era de observar a língua como um verdadeiro mosaico, considerando seus aspectos histórico-culturais. O diálogo com a produção de autores consagrados permitiu que eu pudesse visualizar a riqueza outrora salientada por nomes como: Luís de Camões, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Eça de Queirós, Miguel de Cervantes e, principalmente Olavo Bilac, que formaram um verdadeiro coral de vozes uníssono em torno da língua portuguesa, uma celebração ao idioma materno de aproximadamente 240 milhões de falantes, a quem devemos reverenciar como os herdeiros legítimos da “última flor do Lácio”.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Falar da língua portuguesa é sempre um desafio e com o uso da licença poética cito os versos de Caetano Veloso na música “Língua” (1984):

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões  
Gosto de ser e de estar  
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia  
E uma profusão de paródias  
Que encurtem dores  
E furem cores como camaleões  
Gosto do Pessoa na pessoa  
Da rosa no Rosa  
E sei que a poesia está para a prosa  
Assim como o amor está para a amizade



Escrever “A última flor do Lácio” rendeu-me experiências ímpares e um conhecimento lato do que pode ser explorado em uma crônica. Acredito que as construções foram empregadas de maneira pertinente e que a linguagem adotada é simples e direta, mas com a busca por um vocabulário preciso e harmoniosamente disposto.

Outro ponto que pode ser destacado é a acurada atenção e obediência à disciplina gramatical e o respeito pelas normas lingüísticas que vigoram na chamada língua padrão, a empregada em trabalhos acadêmicos e textos científicos. O uso criterioso das figuras e dos ornatos de estilo me permitiram reverenciar a língua, a arte literária, a produção jornalística e empregar com dignidade a palavra.

O resultado final satisfatório deste trabalho me leva a crer ainda mais nas palavras de Fernando Pessoa ao afirmar que “Pátria é o idioma pelo qual eu escrevo”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BILAC, Olavo. **Poesias**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1964.

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés do chão**. In: Para gostar de ler. vol. V, Crônicas. São Paulo: Ática, 1980.

CEGALLA, Domingos Pascoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol. 6, 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Sul-Americana, 1971.

DUARTE, Marcelo. **O guia dos curiosos: língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Panda, 2003.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003.

SENA, Odenildo. **A engenharia do texto: um caminho rumo à pratica da boa redação**. 3ª ed. revista. Manaus: Ed. Valer, 2008.

SILVA, Serafim. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

VELOSO, Caetano. **Álbum Velô**. [São Paulo] Philips, 1984. LP/CD Philips/Polygram Faixa 11